

A COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO VALE DO RIO DO PEIXE - SC (1913-1950)

JOSIAS RICARDO HACK¹⁶⁵

A partir de 1824 começam a chegar no Rio Grande do Sul, as primeiras levas de imigrantes alemães. A Alemanha passava por uma fase de transformações, tanto política como econômica, fazendo com que muitas pessoas, em busca de melhores condições de vida, comessem a ver no "Novo Mundo" uma alternativa de sobrevivência e uma chance de melhorar de vida. Descontentamentos de ordem geral faziam com que muitos jovens abandonassem a Pátria:

"Entre aqueles que podiam escolher entre a vida de um trabalhador rural ou industrial e a imigração para um país onde as terras eram baratas e férteis, muitos se decidiram pela emigração (...) a administração de alguns territórios, os quais estavam, como é sabido, sob um regime monárquico-reacionário inspirado pela orientação política da Restauração. Os impostos escorchantes desses minúsculos Estados forçavam a população ao êxodo ou, antes, à fuga, porque a emigração era, muitas vezes, proibida" (WILLEMS, 1980: 33-4).

Nos países da América, onde havia uma estrutura social menos rígida, era dada a possibilidade de ascensão social bem mais rápida que em qualquer país da Europa. O Brasil foi um dos países que procurou atrair o imigrante europeu para seu território.

Enfrentando toda espécie de dificuldades, os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul conseguiram se impor e superar todas elas. No entanto, no final do século passado, os imigrantes alemães ou seus descendentes, que haviam se localizado nos vales do Rio dos Sinos ou Rio Caí, começaram a ter um outro tipo de preocupação.

¹⁶⁵Aluno da 8ª fase do curso de História, da UNOESC - Campus de Joaçaba; ex-bolsista do CNPQ/UNOESC. Esta pesquisa teve como orientador o professor Adelar Heinsfeld.

A colonização alemã tivera, no Rio Grande do Sul, como linha norteadora a pequena propriedade agrícola. Com o passar do tempo, em função do número de filhos, esta pequena propriedade foi sendo dividida, até chegar o momento em que tornou-se economicamente inviável, não admitindo novas divisões. Por outro lado, a fronteira agrícola do Rio Grande do Sul havia atingido o seu limite máximo. Não haviam mais terras disponíveis para continuar a colonização, era necessário migrar para regiões que ainda tinham terra à disposição.

Em função de questões diplomáticas com a Argentina, no final do século XIX, o Brasil começou a dar mostras de preocupação com a ocupação de uma área até então sem importância, que era o Oeste Catarinense. Esta questão foi resolvida através de arbitramento internacional, quando em 1895, o presidente dos EUA, Grover Cleveland, após ouvir as duas partes deu ganho de causa ao Brasil.

Sendo assim, o Brasil, preocupado com as posições argentinas em relação ao território brasileiro, resolveu construir uma ferrovia que ligasse o Sul do país até o centro. Esta ferrovia serviria como "porta de entrada" para a colonização desta área até então abandonada pelo governo brasileiro, e que era motivo de cobiça por parte da Argentina.

Como no Rio Grande do Sul as possibilidades de expansão agrícola, na área de colonização alemã, estavam esgotadas, colonos de origem germânica, seguindo os trilhos da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, começam a vir para Santa Catarina.

O trecho desta ferrovia que passa em território catarinense foi construído entre 1907 e 1910. Como forma de pagamento pela construção, o governo brasileiro cedeu à empresa construtora Norte-Americana Brazil Railway Co. uma faixa de terras de, em média 9 (nove) quilômetros de cada lado da ferrovia. A Brazil Railway Co. para melhor administrar as terras recebidas, organizou uma empresa subsidiária, a Brasil Development & Colonization Company, que loteou e vendeu à colonos estrangeiros ou seus descendentes estas terras.

Na imprensa da região de colonização alemã no Rio Grande do Sul, bem como na Europa, vai ser feita publicidade desta nova área de colonização. Em algumas localidades próximo a estações da estrada de ferro, havia um representante desta companhia colonizadora.

Sendo assim, a partir de 1913, muitas famílias de origem germânica chegam à Estação de Rio do Peixe, e posteriormente às outras estações da estrada de ferro. Eram populações vindas do Rio Grande do Sul.

Ao longo do Rio do Peixe, comunidades formadas por colonos de origem alemã vão surgindo. Algumas delas terão um ritmo de desenvolvimento bastante rápido. Mesmo quando chegavam pessoas de outras etnias, muitas vezes numericamente superior aos alemães, eram estes que continuavam a controlar o processo econômico e na maioria das vezes também o político:

"Nos núcleos coloniais alemães, observa-se a existência de duas correntes: aqueles que se colocavam sempre numa posição de hóspedes do Brasil, considerando a Alemanha sua verdadeira pátria, e aqueles que, apesar de terem orgulho de sua ascendência, sentiam, ao se fixarem aqui, a necessidade de interessar-se e de participar ativamente da vida política nacional" (LANDO E BARROS, 1982:63).

Tomando por base o Cartório de Registro Civil da cidade de Joaçaba, que se localiza no Vale do Rio do Peixe, em Santa Catarina, no período que vai do ano de 1917 até 1950, observamos um total de aproximadamente 1538 casamentos, sendo que 692 (44,9%) enlases matrimoniais tiveram o envolvimento direto de alemães ou seus descendentes, seja como nubentes ou testemunhas.

Ao contrário do que se pensava antes do início desta pesquisa, os imigrantes alemães que vieram para o Vale do Rio do Peixe não eram apenas originários das "Velhas Colônias" do Rio Grande do Sul, mas também vinham da Europa. Esta afirmação pode ser constatada ao observarmos os dados coletados durante a pesquisa realizada no Cartório de Registro Civil do município de Joaçaba (SC).

Ao término da coleta dos dados, concluiu-se que dos 692 casamentos envolvendo noivos ou testemunhas alemãs, durante o período que vai de 1917 até 1950, a quantidade de nubentes nascidos na Alemanha era 153. Se compararmos esta cifra com o número de noivos que nasceram no Rio Grande do Sul (653 entre noivos e noivas), pode parecer reduzido; no entanto, não podemos negar que trata-se de uma notável participação de alemães natos nesta região, aproximadamente 11%.

Relevando as testemunhas do enlace matrimonial, observamos que 131 pessoas eram de origem alemã. Levando em conta também, que uma grande parte dos registros de casamento não especificam a naturalidade da testemunha, supomos que este número pode ser maior e ultrapassar a marca de 10%.

Os imigrantes que vinham diretamente da Europa para o Vale do Rio do Peixe, chegavam de uma situação difícil (a recessão pós Primeira Guerra Mundial) e esperavam encontrar em nossas terras a correspondência de uma propaganda feita na Alemanha:

"Oh... na Alemanha tinha muita propaganda do Brasil, terras boa e tudo, plantio e todas as coisa e lá já tava ruim depois da primeira guerra mundial e... então eles resolveram de vir pro Brasil e escolheram esse lugar aqui porque ficava perto da estrada de ferro e o clima também não era assim tropical era um clima mais ou menos, não o europeu, mas era mais temperado, por isso vieram nessas altura" (SCHEUFELE, 1996:04)

O Brasil era visto como uma terra promissora e alguns recebiam até mesmo subsídios para chegar aqui:

"Bom, isso... se via propaganda... o governo brasileiro na época que me recordo, era menino ainda, mandaram agentes irem procurar governos mais desenvolvidos nessa região, mostrando o pessoal, o Brasil, aquelas toras enormes, aquela floresta, o crescimento, futuro do Brasil, né... então... os meus pais se arrumaram e imigraram para o Brasil. Mas temos que dizer que é uma época, o governo brasileiro pagou a passagem da estação de embarque até a estação de desembarque, porém segunda classe, quem queria viajar de primeira classe no navio então pagava simplesmente a diferença. Isso é o que aconteceu com nós" (NERING, Aloisio. 1996:04).

No que se refere a ocupação profissional que os primeiros colonizadores alemães e seus descendentes exerceram na cidade de Joaçaba e arredores, podemos concluir que aproximadamente 63% dos noivos trabalhavam na zona rural, exercendo a profissão de agricultor. Dentre os demais, encontramos as seguintes profissões: comerciante, engenheiro, marceneiro, encontramos as seguintes profissões: comerciante, engenheiro, marceneiro, jornalista, alfaiate, torneiro, encanador, ferreiro, industrial, fotógrafo, pedreiro, cervejeiro, sapateiro, professor, dentista, curtidor, padeiro, seleiro, barbeiro, guarda-livros, médico, mecânico, tipógrafo, açougueiro, ferroviário.

rio, carroceiro, eletricitista, escultor, guarda-linha-telegráfica, farmacêutico, bancário, funileiro, confeitoiro, motorista, carpinteiro, operário, funcionário público, viajante fundidor e relojoeiro. Também encontramos entre os noivos de língua alemã que se casaram neste Cartório durante o período mencionado, um Pastor Evangélico, o senhor Valentin Kühn e o Secretário do Consulado Alemão, o senhor Helmuth Mühlhans.

Quanto às mulheres, uma parcela considerável não constava a profissão que exercia no momento em que foi realizado o casamento civil. Dentre as profissões que foram registradas, a que mais se destacou foi doméstica, com um total de 594 (85,8%) mulheres exercendo esta ocupação. Quanto às demais, encontramos duas professoras, uma agricultora, duas funcionárias públicas e uma normalista.

Como pode ser observado, em sua grande maioria as mulheres dedicavam-se aos afazeres domésticos, enquanto os homens se envolviam com a agricultura. Não podemos nos esquecer também que as mulheres, além das atividades relacionadas aos cuidados com a casa, auxiliavam o marido a realizar o trabalho no campo, juntamente com as crianças.

Estas comunidades germânicas mantiveram arraigadas muitas tradições culturais herdadas de seus antecedentes (no caso dos teuto-brasileiros) ou trazidas da própria Europa. No entanto, no início da colonização do Vale do Rio do Peixe, uma problemática que havia envolvido as populações alemãs no Rio Grande do Sul também acercou os imigrantes que chegavam a esta nova região:

"Para a grande maioria dos imigrantes alemães, a fixação na mata virgem significava, durante longos anos, a luta pela sobrevivência acompanhada de um desnivelamento cultural generalizado. Não sobrava tempo para outras atividades a não ser aquelas que se relacionassem com a satisfação de necessidades vitais". (WILLEMS, 1980:392)

Sendo assim, observamos que grande parte dos imigrantes alemães que aqui chegaram, principalmente os que se dirigiram diretamente para as colônias com o intuito de trabalhar com a agricultura, não sabiam falar o português ou tinham apenas um conhecimento precário desta língua. Outro fator que confirmava esta deficiência era a falta de escolas públicas que permitissem o aprendizado em português. Apesar desta não ser uma

preocupação que atingia a população urbana do Vale do Rio do Peixe, os agricultores que moravam no interior dos municípios, que eram a maioria, não tinham acesso a este benefício.

Esta situação vem a torna-se um tanto delicada durante o processo de Nacionalização promovido por Getúlio Vargas e começa a se estabelecer um conflito:

"O objetivo da campanha de nacionalização era forçar a assimilação por meio da obrigatoriedade do ensino em português, supondo que isso teria como resultado uma utilização cada vez menor das línguas de origem. E ao proibir qualquer publicação, festa, atividades recreativas, de cunho étnico, esperava impor valores nacionais brasileiros que viessem substituir o sentimento de pertencer a outras nacionalidades" (SEYFERTH, 1990:90).

Com isso, imigrantes alemães e teuto-brasileiros oriundos de outros estados e residentes no Vale do Rio do Peixe, são proibidos de falar a língua alemã, sem levar em conta se anteriormente havia sido oportunizado a aprendizagem do português, como conta o relato abaixo onde a filha precisava provar às autoridades que seu pai não aprendera o português, apesar de ser brasileiro:

"Não haviam escolas (em Montenegro - RS, fim do século XIX e início do século XX)¹⁶⁶, nem tão pouco ainda pros filhos deles, porque os meus irmãos ainda... e isso eu podia comprovar, porque qualquer autoridade lá daquele lugar, que né... que não é tão distante ali do... é uma das regiões mais civilizadas do Rio Grande do Sul, né!? Ahn... só telegrafar pra lá que em prazo de poucas horas eles diriam: 'É! Realmente naquele tempo ainda só existia instruções alemãs e tudo, né!?'" (GROHSER, 1995:08).

Por fim, constatamos que estes fatores atingiram vários moradores da região em questão e causam constrangimentos até hoje, pois levaram à prisão muitos alemães ou descendentes e em alguns casos até injustamente, afastando-os de suas famílias ou até mesmo castigando-os fisicamente:

¹⁶⁶ Nota do autor.

"...eu sei que um tio meu que foi pra Ilha Grande, que era aqui de Joaçaba também, um... casado também com uma Specht, esse sofreu, eles foram levados lá, não sei se tu conhece a Ilha Grande onde é que ficaram presos políticos aquela época, no Rio! Esses sofreram, agora esses que foram presos aqui em Joaçaba, eles foram levados à Joinville e muitos tempo eles ficavam presos aqui, eu sei que eu ia visitar o pai no Quartel sempre levava sorvete domingo de tarde pra ele, então eles revistavam tudo até o chapelzinho branco que a gente usava, por tudo eles revistavam pra ver se não tinha... alguma coisa que pudesse levar lá pra dentro, né. Mas eles tinham a liberdade, eles iam até inclusive tomar banho no Rio do Peixe, que naquela época ainda dava, né (risos), então eles tinham essa liberdade, né, faziam esporte, ali tinha uma cancha de esporte, ali no Quartel, né, e depois foram levado pra o... pro presídio político de... Joinville, e ali eles também não foram... nunca foram judiados, nada, né, mas simplesmente ficaram presos, né, e a família ficou sem o pai, né" (ALTENBURGER, 1996:06).

Concluindo, queremos salientar que nossa pesquisa foi desenvolvida com o intuito de resgatar a História da Colonização Germânica e preservar a memória alemã no Vale do Rio do Peixe. Esta foi uma busca das ligações existentes entre as "Velhas Colônias" do Rio Grande do Sul ou as tradições vindas da Alemanha com a nossa própria realidade. Uma análise e observação deste processo na cidade de Joaçaba, através da coleta de dados, depoimentos e testemunhos que nos auxiliaram a reconstruir um passado não tão longínquo.

Salientamos, que nossa busca não limitou-se aos aspectos econômicos deste processo de colonização alemã, pois, também procurou de várias formas apresentar algumas facetas da sociedade, política e cultura que circundavam o ambiente cotidiano dos imigrantes alemães e seus descendentes em nossa região. Afinal, entendemos que todos estes fatores têm sua importância dentro do contexto estudado.

BIBLIOGRAFIA

- 1-WILLEMS, Emílio. A Aculturação dos Alemães no Brasil. 2 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1980. 465p.
- 2-LANDO, Aldair Marli & BARROS, Eliane Cruxên. A colonização Alemã no Rio Grande do Sul - uma interpretação sociológica. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1982, 94 pg.
- 3-SEYFERTH, Giralda. Imigração e Cultura no Brasil. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1990, 103p.

ENTREVISTAS

- 1-ALTENBURGER, Edith Elenore. Entrevista concedida por Edith Elenore Altenburger ao autor, em 28 de março de 1996.
- 2-GROHSER, Alzira Lúcia. Entrevista concedida por Alzira Lúcia Grohser ao autor, em 25 de outubro de 1995.
- 3-SCHEUFELE, Fritz Guilherme. Entrevista concedida por Fritz Guilherme Scheu-fele ao autor, em 27 de março de 1996.
- 4-NERING, Aloisio. Entrevista concedida por Aloisio Nering ao autor, em 25 de abril de 1996.